

Nuno Júdice

O MITO DE EUROPA

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2017

ÍNDICE

Projecto	11
A criação do mito	12
Dizer o nome	13
Poema aparentemente clássico, numa fusão de imagem e som	15
A poética de Horácio	17
Canção sem nostalgia	18
Interrogação	19
Uma definição abstracta	20
Campo com mulher ao fundo	21
Nostalgia de Setembro	23
A voz que não se ouve	24
Invocação celeste	26

A arte do relâmpago	27
Esboço antigo	29
Pequeno desvio ideológico	31
Noite num comboio	32
No Verão	33
Uma confissão de Santo Agostinho	34
Para Kant, tal como o corpo, a sopa é uma substância extensa	35
Dúvida poética	36
Manhã de Inverno com sol	38
Núpcias	39
Nova descrição do amor	40
Malabarismo solar	41
À volta da lua	42
Elegia pastoril	43
Metamorfose	44
Fala de Pigmalião	45
O canto do cisne	46
Sobre uma adaptação de Ovídio (Amores I-5)	47
Catulo lembra-se do passado	48
Atena confessa-se a Aracne	49
Leda e o cisne	50
Astrologia latina	51
As contradições do tempo	52
Em Vila do Conde, com Antero	53
Aula de pintura em Cape Cod	54

Uma geometria de paixões	55
Sequência	58
O papel do formalismo na Revolução de 1917	59
Vem aí o cinema	61
A teia do tempo	63
Cena bárbara	64
O problema das pensões	65
Brexit	67
Promoção única	69
Um conceito de realidade	70
O trabalho poético	72
Ode sem regresso	73
O mito de Europa	76

PROJECTO

No inverno, fazer um poema com a lama dos caminhos, onde as botas se enterram e os passos são lentos; e quando chegar a primavera, arrancar versos dos caules e pô-los no branco da página para que o sol os aqueça com o seu fulgor. Ver a sombra das nuvens que o vento leva para longe, e ouvir o canto dos pássaros num intervalo das palavras, para que o silêncio não se instale em cada cesura. E se for preciso, que as imagens desabem para que a estrofe se equilibre sobre os alicerces do símbolo e possa reconstruir, a partir das ruínas, o edifício do poema para habitação do homem, por frágil que seja, na terra de ninguém da sua solidão.

A CRIAÇÃO DO MITO

Os mitos conservam-se se os metermos num pote de barro, sem água, apenas com muitas ervas, de preferência aromáticas, e algumas folhas de louro. Depois, tapa-se o gargalo com um tecido grosso e ata-se com uma corda, antes de pegarmos no pote e o levarmos para a cave, onde terá de ficar fechado alguns anos, ou melhor, alguns séculos, antes de o voltarmos a abrir. Pode ser que os agnósticos vejam aqui uma contradição: se o pote só pode ser aberto daqui a uns anos, ou melhor, séculos, quem ficará para ver se o mito se conservou? Os descrentes têm sempre argumentos para contrariar o inventor de mitos; e o que posso responder é que, apesar de estar fechado e escondido, o mito não precisa de ser aberto para que o verifiquemos, tal como o coração dos amantes não tem de ser arrancado do peito para que, um e outro, saibam que o amor existe e pulsa nos seus corpos. Portanto, concludo, basta saber que o pote encerra o mito para reconhecer a sua verdade; e, quando muito, podemos aproximar-nos do tecido que fecha o pote e aspirar o seu aroma, divino como o perfume do amor e sagrado como o sentimento que o acompanha.

DIZER O NOME

Ah, esses nomes, os nomes que agora regressam como se ainda os chamasse, como se um nome fosse um corpo, um nome tão longe de quem tinha esse nome, e se perdeu nalgum canto da vida, nalgum corredor de sentimentos desencontrados, nalguma rua tão longa que não se sabe onde acaba, e em cada porta faltava o número que tinha o nome procurado... O nome dito devagar, à noite, para o não esquecermos, ou apenas dito para dentro, para que a palavra ganhe outro corpo, no fundo de nós, e o nome guardado apague todos os nomes, todos os corpos, todos os instantes em que, por trás do nome que foi dito, um rosto surgia a dar uma forma a esse nome, e só ao dizê-lo essa forma tinha a substância que lhe pertencia, talvez o amor, talvez o desejo, talvez a procura de que um nome, só por ser dito, concentrasse nele o sonho que um dia se esfumaria, como se o nome se diluísse nas suas sílabas, e não conseguíssemos reconstituí-lo a partir de vogais e consoantes perdidas no chão da memória, enquanto as mãos vazias procuravam a pele de um nome, um nome apenas, e tão breve como breve é o tempo

do nome que damos ao amor, quando
nele encontramos o calor do nome murmurado
ao ouvido de quem se ama.

POEMA APARENTEMENTE CLÁSSICO,
NUMA FUSÃO DE IMAGEM E SOM

Uma precipitação de sons na paisagem, árvores alinhadas como tubos de órgão, e os pés da ninfa carregando nos pedais que fazem ressoar a música até aos confins: à força de os ouvir, recebo a mensagem deste campo de flores e de pássaros, as frases domesticadas de uma imagem de primavera nos braços abertos contra a luz que se apaga.

Assim, o que fica deste dia é esse instante entre a tarde e a noite. Uma luz trabalhada pelo céu, corroída pelos fungos da névoa que se dissipa, como o véu que lentamente cai sobre os cabelos da deusa e se funde com o seu ouro, no forno alquímico do corpo, sublinhando o contorno que um espelho sublima.

E ao juntar a vista e o ouvido, falta-me a táctil sensação de um colher de fruto que substituo pelo toque de um seio macio como a polpa que seguro nas mãos, a cujo sabor roubei a frescura da pele, vendo-o

converter-se num mármore quente de
estátua subitamente animada, de olhos
vivos, de lábios procurando onde pousar.

A POÉTICA DE HORÁCIO

Imaginem uma cabeça de mulher a que se junta uma crina de cavalo, penas de aves pelo corpo, e uma cauda de peixe negro: foi desta forma que horácio criticou as liberdades de poetas e pintores que ousaram quebrar a beleza de um rosto feminino com tão disformes adereços. A sua proposta, pelo contrário, era esta: não fugir ao que a realidade nos oferece, tanto às coisas simples da natureza como aos sentimentos que oscilam entre as lágrimas e a alegria, temperados de forma igual pelo amor e pelo desejo de se elevar. E defendia uma arte que fosse útil e agradável, com frases breves e verdadeiras, em síntese, digo eu, uma utopia que poucos respeitaram, a começar pelo próprio, que fez elevar um cisne à altura das nuvens, desafiando o poeta a que sofra um destino idêntico ao da abelha que suga o tomilho dos bosques, na esperança de produzir versos que tenham a ácida doçura do mel.

CANÇÃO SEM NOSTALGIA

Despeço-me deste campo sem flores
nem folhas, e levarei comigo uma saudade
de pastor sem rebanho. Chegarei aonde
me perguntarem: «Que primavera
abandonaste?» E direi: «O que para
trás ficou, outros irão colher numa ceifa
de memórias.» E basta-me este saco
de instantes que um dia abrirei, quando
a fome de algum tempo passado me
atormentar. Hão-de cair à minha frente
as imagens que ali ganharam o bolor
da lembrança. Algumas, pô-las-ei
ao sol, para que a luz as limpe e me
restitua o seu fulgor; as outras, como frutos
secos, dá-las-ei aos pássaros, para que possam
ganhar forças para o seu derradeiro
voo. E a quem se queixar do inverno, direi
que a vida exige o prumo
do presente, a exactidão de um bater
de horas no anúncio de uma despedida,
e o desenho de um perfil desejado
na escadaria do futuro.

INTERROGAÇÃO

O amor é uma vocação obscura. Não sei de onde vem, mas sei que tem a forma de um corpo que se abraça, o calor de palavras quase murmuradas, a precisão das mãos que descobrem o caminho para o centro, e se demoram em cada curva. Posso descrever o amor através de todas as suas formas; indicar o caminho para o encontrar, passando pelas esquinas da vida; vê-lo no fundo dos olhos que se abrem no intervalo de um abraço; seguir o seu movimento num desfazer de cabelos; e esquecer tudo o que sei sobre o amor para o descobrir, de novo, quando vens ao meu encontro ao sol da manhã, e o mundo se apaga à tua volta para que o teu sorriso o acenda e me faça perguntar-te porque é que o amor é uma vocação obscura.

UMA DEFINIÇÃO ABSTRACTA

Para definir a substância do teu corpo
teria de me afastar dos conceitos da filosofia mais pura,
do ser e das suas qualidades essenciais, e também
da imagem evanescente que envolve aquilo
a que se dá o nome de alma. Teria de seguir a corrente
de um rio subterrâneo, que atravessa a planície do tempo
sem se deixar limitar pelas suas margens; e ouviria,
sob o silêncio mais profundo de uma noite
sem lua, a lenta respiração da terra perpassar
nos teus lábios.

Poderia, então, apanhá-la com as mãos, como
se faz a um fruto, e senti-la-ia escorrer por entre
os dedos como a água mais límpida. Dir-me-ias
que estou longe, ainda, do que se entende por
amor. Pouco importa: o que eu vejo no teu rosto,
quando a ausência o converte num arquétipo, e
nele projecto todas as figuras do desejo, é
o desenho dessa palavra que te veste com
as suas sílabas de sol, e percorre o poema
com a sua luz.

CAMPO COM MULHER AO FUNDO

Abri as folhas de um canto de flores nómadas,
de veios apodrecidos e pele rugosa, a desfazer-se
nas mãos que procuravam o corpo da deusa do campo,
de braços enterrados na erva selvagem e rosto virado
para o céu. Procurei nesse livro de arbustos a cor
dos seus olhos, e o fogo do sol reflectiu-se neles,
cegando-me para que não continuasse essa leitura
demente. Mas a sua voz entrou-me pelos ouvidos
da alma, e fi-la soletrar cada sílaba do seu nome, para
não o esquecer nas noites amargas dos longos
continentes em que a saudade, num murmúrio
de corolas sacudidas pelo cansaço do branco, se
prolonga até de madrugada.

Fi-la estender os seus braços na terra húmida
de um breve orvalho, e contei os passos que faltavam
para romper o canavial e descobrir, nesse rio de espumas
sensuais, uma deriva de aves perdidas da sua migração. E
pousei-a numa cama de tábuas e de estevas, coberta
por um pano de palavras tecidas pelas mãos do amor,
desenhando os seus lábios com o sulco de asas que
arranquei ao voo de uma sombria libélula. Toquei
nos seus seios o seu casulo; e senti uma respiração suave
como a aragem que atravessou a colina de onde a vi

descer, empurrada pelos braços de um desejo
de cadências obscuras, de mudos suspiros, de
uma floração de murmúrios ao ouvido da noite.

Recortei esse campo do seu horizonte e coleí-o
na página da minha memória, para o percorrer na ausência
do seu corpo. Então, luminosa, a imagem ressurgiu desse
canto de aves e de vento, e visto-a com o perfume
aveludado da primavera fugitiva. Ainda ouço a sua voz,
na cansada mansidão de um leito de manhãs incandescentes.